

Você já viu um besouro de couro?

Isso mesmo, você não leu errado! Besouros de couro (*Dermestes maculatus* De Geer (1774)) possuem hábitos alimentares muito específicos, consumindo cadáveres de outros seres vivos, se alimentando de partes moles, peles e até mesmo dos ossos. Além disso, podem também consumir produtos armazenados dentre outros materiais. Pois é, eles literalmente fazem a festa! Mas para que essa festança toda aconteça é necessário que o alimento esteja no ponto ideal! Em cadáveres e carcaças, normalmente esses insetos começam a se alimentar nos últimos estágios de decomposição. Você sabia disso? E é justamente esse hábito alimentar que confere que *D. maculatus* seja conhecido popularmente como besouro de couro. Mas não para por aí não viu, no decorrer da nossa conversa você conhecerá mais sobre esses insetos bem diferentes!



Besouro de couro (*Dermestes maculatus*). (Foto: Milaine Fernandes dos Santos)

Agora que você já sabe quem são eles, que tal falarmos sobre as coisas boas que esses besourinhos podem fazer...?

D. maculatus possui enorme importância na área da Entomologia Forense, contribuindo diretamente para estimar o intervalo “postmortem” de um cadáver. Nesse caso, é essencial conhecer o ciclo e o modo de vida destes insetos. Lembra que comentamos que o alimento consumido por eles precisa estar no ponto ideal? Então... eles normalmente aparecem em cadáveres para se alimentar após 30 dias da colonização de moscas; ou depois de 58 dias após a morte, com o pico larval entre os 30° ao 33° dia. Ou seja, ele é o último a chegar durante a decomposição de corpos e carcaças, e é responsável pela “limpeza dos ossos”. Nesse contexto, a presença de *D. maculatus* pode ajudar, por exemplo, na elucidação de investigações criminais. Agora, certamente você pensou em correr para pesquisar mais sobre esses besouros e “dar um de investigador” igual a série CSI, não é mesmo? Mas muita calma nessa hora, porque esses profissionais passam por formação e treinamento especializado!

Uso dos *Dermestes maculatus* na ciência.

Seus hábitos alimentares também são utilizados por pesquisadores da área da Zoologia. Nessa área os besouros são utilizados em laboratório, para realizar a taxidermia de amostras de vertebrados, por exemplo. Ou seja, fazer o que eles fazem de melhor, se alimentar e fazer a limpeza dos ossos. A equipe do LIPAN logo percebeu a eficiência dos besouros, e deu início a criação de uma colônia, para realizar a taxidermia de amostras de peixes. O primeiro passo para formar a colônia foi capturar o besouro. Para isso, foram realizadas coletas de insetos em carcaças de animais que desafortunadamente são atropelados nas BRs, além da obtenção de indivíduos oriundos de colônias previamente estabelecidas. Agora vamos te contar uma informação super interessante! Em experimento preliminar verificamos a eficiência de *D. Maculatus* para a limpeza de peixes. Legal não é mesmo? Esses resultados foram observados já em 15 dias utilizando um peixe pequeno (*Astyanax asuncionensis* Géry, 1972). Dê uma conferida na foto abaixo.



Carcaça de lambari (*A. asuncionensis*) após 15 dias de exposição à larvas e adultos de *D. Maculatus*. (Foto: Beatriz Marques Freire)

Mas o que fazer para manter uma criação desses besouros em laboratório?

Em primeiro lugar é preciso preparar a “casa” deles, o ideal é que seja uma caixa que tenha passagem de ar. Nós utilizamos uma caixa organizadora transparente, mas pode também ser de madeira ou vidro (parecida com aquário), sem problemas! Dentro da caixa normalmente coloca-se algodão para se assemelhar a um ninho, aí os besouros costumam fazer túneis no algodão para evitar a luz e se proteger no período de incubação. O algodão também ajudará a regular a temperatura e umidade dentro da caixa. Nesse processo, é importante saber que *D. maculatus* não gosta de umidade. Então é imprescindível que sejam mantidos em local com luminosidade, temperatura e umidade controlada. E ainda, sempre mantê-los alimentados e realizar regularmente a limpeza da caixa e separação de indivíduos de acordo com a idade.



Experimento conduzido para avaliar o uso de *D. Maculatus* para a limpeza de peixes. No detalhe, cabeça de uma cachara (*Pseudoplatystoma reticulatum* Eigenmann & Eigenmann, 1889). (Foto: Janeide Caboclo)

Texto produzido por: Janeide Caboclo, Milaine Fernandes dos Santos, Ernandes Sobreira Oliveira Junior e Claumir César Muniz.